

Educação Sexual na Escola e sua influência na redução da gravidez na Adolescência

Sex Education in Schools and its influence on reducing teenage pregnancy

Educación sexual en la escuela y su influencia en la reducción de los embarazos en la adolescencia

Submissão: 24/11/2025

Publicação: 15/12/2025

Carlos Junior Gomes do Carmo
ORCID: 0009-0002-1785-1445
Faculdade Santa Luzia
E-mail: juniorgomes875@gmail.com

Valdiana Gomes Rolim Albuquerque
ORCID: 0009-0006-3204-4480
Faculdade Santa Luzia, Brasil
E-mail: valdiana@faculdadesantaluzia.edu.br

Resumo

Objetivo: Estudo tem por objetivo discutir a importância da educação sexual no contexto escolar como estratégia de promoção da saúde e de prevenção da gravidez na adolescência. Metodologia: trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa e descritiva, que teve como objetivo reunir, analisar e discutir produções científicas relacionadas à educação sexual no ambiente escolar e sua influência na prevenção da gravidez na adolescência. Resultados: foram realizada uma busca dos artigos foi realizada em bases de dados científicas, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, utilizando como descriptores controlados e não controlados: educação sexual, gravidez na adolescência, enfermagem escolar, promoção da saúde e prevenção. Do período entre 2017 a 2024. Na plataforma Scielo foram identificados 5 artigos e selecionados 5 artigos, na plataforma BVS foram identificados 19 artigos e selecionados 5 artigos e na plataforma Google foram selecionados 10 artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Conclusão: Conclui-se que a educação sexual no ambiente escolar pode ser uma excelente estratégia da enfermagem para promover a redução da gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Educação Sexual; Enfermagem Escolar; Gravidez na adolescência; Prevenção; Promoção da Saúde.

Abstract

Objective: to discuss the importance of sex education in schools as a strategy for promoting health and preventing teenage pregnancy. Methodology: this is a qualitative and descriptive bibliographic study, which aimed to gather, analyze, and discuss scientific publications related to sex education in schools and its influence on the prevention of teenage pregnancy. Results: The search for articles was conducted in scientific databases, such as Scientific Electronic Library Online (SciELO), Virtual Health Library (VHL), and Google Scholar, using controlled and uncontrolled descriptors: sex education, teenage pregnancy, school nursing, health promotion, and prevention. From the period between 2017 and 2024. Five articles were identified and selected on the Scielo platform, 19 articles were identified and 5 articles were selected on the BVS platform, and 10 articles were selected on the Google platform according to the inclusion and exclusion criteria. Conclusion: It is concluded that sex education in the school environment can be an excellent nursing strategy to promote the reduction of teenage pregnancy.

Keywords Sex education; Teenage pregnancy; School nursing; Health promotion; Prevention.

Resumen

Objetivo: El objetivo del estudio es discutir la importancia de la educación sexual en el contexto escolar como estrategia para promover la salud y prevenir el embarazo en la adolescencia. Metodología: Se trata de una investigación bibliográfica de carácter cualitativo y descriptivo, cuyo objetivo fue reunir, analizar y discutir producciones científicas relacionadas con la educación sexual en el entorno escolar y su influencia en la prevención del embarazo en la adolescencia. Resultados: se realizó una búsqueda de artículos en bases de datos científicas, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y Google Académico, utilizando como descriptores controlados y no controlados: educación sexual, embarazo en la adolescencia, enfermería escolar, promoción de la salud y prevención. Del período comprendido entre 2017 y 2024. En la plataforma Scielo se identificaron 5 artículos y se seleccionaron 5 artículos, en la plataforma BVS se identificaron 19 artículos y se seleccionaron 5 artículos y en la plataforma Google se seleccionaron 10 artículos de acuerdo con los criterios de inclusión y exclusión. Conclusión: Se

concluye que la educación sexual en el entorno escolar puede ser una excelente estrategia de enfermería para promover la reducción de los embarazos en la adolescencia.

Palabras clave: Educación sexual; Enfermería escolar; Embarazos en la adolescencia; Prevención; Promoción de la salud.

1. Introdução

A sexualidade é um aspecto fundamental da vida humana e envolve dimensões físicas, emocionais, psicossociais e culturais que influenciam diretamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Miranda; Campos, 2022). Trata-se de um fenômeno multifacetado, permeado por fatores relacionados ao ambiente, à sociedade e à cultura, incluindo valores, afetividade, intimidade e prazer, que moldam os comportamentos e as escolhas dos indivíduos (Leite et al., 2020) estratégia educativa na prevenção da gravidez na adolescência. É ainda mais eficaz, quando associada a prescrição de métodos contraceptivos e outras medidas profiláticas. Porém ainda existem muitas resistências a adesão do uso desses métodos.

A escola, nesse contexto, configura-se como um espaço estratégico para a abordagem da educação sexual, pois possibilita a formação integral dos jovens e a construção de conhecimentos que favorecem escolhas conscientes. Quando ofertada de forma adequada, a educação sexual é uma ferramenta eficaz na prevenção da gravidez na adolescência, especialmente quando associada ao uso de métodos contraceptivos e outras medidas de proteção. Contudo, a sua implementação ainda enfrenta resistências culturais, familiares e sociais (Spaniol; Spaniol; Arruda, 2019).

A adolescência é marcada pelo início da atividade sexual, muitas vezes cercada de fatores de vulnerabilidade, como imaturidade física e emocional, ausência de proteção, impulsividade e influência de contextos sociofamiliares fragilizados (Spaniol; Spaniol; Arruda, 2019). Dessa forma, a sexualidade nessa fase não deve ser compreendida apenas como experiência individual, mas como uma questão de saúde pública e social, exigindo políticas e práticas de prevenção (Altmann, 2006).

Políticas públicas como o programa “Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE)” demonstram a relevância da integração entre educação e saúde, ao propor estratégias de promoção da saúde sexual e reprodutiva, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e enfrentamento da gravidez precoce (Moreira; Folmer, 2011). Nesse processo, destaca-se a atuação de enfermeiros(as), que em parceria com educadores, desenvolvem ações educativas por meio de rodas de conversa, dinâmicas e outras práticas interdisciplinares, contribuindo para a formação crítica e protetiva dos adolescentes (Batista et al., 2021).

Diante desse cenário, surge a seguinte questão norteadora: como a educação sexual na escola, promovida por enfermeiros(as), pode contribuir para a prevenção e redução da gravidez na adolescência?

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de fortalecer a educação sexual como política pública efetiva, envolvendo escola, família, profissionais de saúde e comunidade. Ao enfrentar resistências culturais e ideológicas, amplia-se a possibilidade de ofertar uma educação sexual mais acessível, integral e transformadora, capaz de impactar positivamente a saúde e o futuro dos adolescentes.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica por evidenciar que a educação sexual, quando trabalhada de forma interdisciplinar e articulada entre escola, família e profissionais de saúde, especialmente enfermeiros(as), representa uma estratégia fundamental de prevenção. Além disso, destaca-se sua contribuição para o desenvolvimento integral dos adolescentes, garantindo-lhes o direito à informação, à saúde e à proteção social.

Portanto, investigar a influência da educação sexual escolar na redução da gravidez na adolescência é relevante não apenas para o campo da enfermagem e da saúde pública, mas também para o fortalecimento de práticas educativas inclusivas, críticas e transformadoras, capazes de promover impacto positivo na vida dos jovens e em toda a sociedade.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo discutir a importância da educação sexual no contexto escolar como estratégia de promoção da saúde e de prevenção da gravidez na adolescência.

2. Metodologia

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, que teve como objetivo reunir, analisar e discutir produções científicas relacionadas à educação sexual no ambiente escolar e sua influência na prevenção da gravidez na adolescência.

A busca dos artigos foi realizada em bases de dados científicas, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, utilizando como descritores controlados e não controlados: *educação sexual, gravidez na adolescência, enfermagem escolar, promoção da saúde e prevenção*.

Foram incluídos estudos publicados em português, inglês e espanhol, no período compreendido entre **2017 e 2024**, que abordassem diretamente a temática proposta. Foram excluídos trabalhos duplicados, resumos simples, dissertações e teses que não estivessem disponíveis integralmente, bem como publicações que não apresentassem relação com o objeto de estudo.

Na plataforma ScieLO foram identificados 5 artigos e selecionados 5, na BVS foram identificados 19 artigos e selecionados 5; e na plataforma Google Acadêmico foram selecionados 10 artigos, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, totalizando 20 artigos selecionados.

Após a seleção, os artigos foram analisados por meio da leitura exploratória, seletiva e interpretativa, permitindo a categorização dos principais achados referentes às práticas de educação sexual no ambiente escolar, ao papel da enfermagem e aos impactos dessas ações na redução da gravidez na adolescência.

3. Resultados e Discussão

Os resultados foram analisados a partir de 20 artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, que estão dispostos de acordo com autor/ano, título, tipo de estudo e objetivos. A análise resultou em duas categorias: 1- adolescência: aspectos gerais e 2- a educação sexual no enfrentamento da gravidez na adolescência, que são discutidas no Gráfico 1 a seguir.

Quadro 1- Análise dos artigos selecionados

Autor/ ano	Título	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
1-Batista, 2017	Análise do conhecimento sobre sexualidade de alunos do 7º ano: um estudo de caso em uma escola pública estadual no município de São Gabriel - RS	Pesquisa de campo	Compreender qual a percepção dos alunos quanto ao tema sobre sexualidade seja ele no âmbito familiar ou escolar através de um questionário.	Dúvidas sobre o tema sexualidade e dificuldade de conversas com os pais sobre o tema.

2-Almeida et al., 2017	Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez	Estudo qualitativo e descritivo por meio de entrevista semiestruturada e formulários de caracterização dos participantes.	Investigar o conhecimento de adolescentes relacionado as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), AIDS e gravidez, além de conhecer a compreensão sobre o papel da escola na educação sexual.	Resultou em quatro categorias temáticas: Sexualidade e educação sexual; Compreensão de comportamentos de risco; Conhecimento de IST/AIDS; Conhecimento e práticas de prevenção. Considerações
3-Vieira; Matsukura, 2017	Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública	Descritivo e exploratório de abordagem qualitativa	Identificar e caracterizar práticas de educação sexual com adolescentes desenvolvidas nas escolas da rede pública, bem como investigar a concepção dos professores envolvidos a respeito do tema.	Os professores utilizam o método biológico centrado e preventivo e modelo biopsicossocial.
4-Baldoíno et al., 2018	Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência	Estudo descritivo do tipo relato experiência.	Relatar a experiência de discentes do curso de Bacharelado em Enfermagem em práticas de educação em saúde aos adolescentes no contexto escolar.	A experiência constitui uma oportunidade de realização da educação em saúdes para os adolescentes.
5-Carvalho; Melo, 2019.	A família e os papéis de gênero na adolescência	Estudo qualitativo através de entrevistas e análise temática de conteúdo.	compreender a percepção dos adolescentes sobre a imposição dos papéis de gênero através de sua educação familiar.	Foi possível observar que as interações e socialização ocorrida dentro do âmbito familiar ainda funciona como mecanismo de imposição e reforço de papéis “naturalizados” como femininos e masculinos,

				contribuindo para a persistência das condições sociais de desigualdade.
6-Brasil; Cardoso; Silva, 2019	Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos	Estudo qualitativo tipo pesquisa-ação	avaliar o nível de conhecimento de escolares sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos.	revela-se que 94,1% dos discentes disseram saber, pelo menos, uma maneira de prevenir-se de uma gravidez, sendo a camisinha masculina conhecida por 86,9% dos entrevistados e a “pílula do dia seguinte”, por 80,4%.
7-Spaniol; Spaniol; Arruda, 2019	Gravidez na adolescência e educação sexual: percepções de alunas do ensino médio de um município da Serra Catarinense1	Pesquisa qualitativa	identificar as percepções de adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola pública e uma privada de um município da Serra Catarinense acerca do tema “gravidez na adolescência”.	foi possível identificar os aspectos subjetivos dos eventos estudados mesmo tratando-se de grupos com números de participantes distintos.
8-Morais et al., 2020	Educação em saúde sexual e reprodutiva na adolescência	Estudo descritivo tipo relato de experiência	Relatar a experiência de discentes de enfermagem em oficinas com foco na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.	Verificou-se a participação assídua do público-alvo com diversos questionamentos e a aplicabilidade positiva das oficinas na prevenção e promoção da saúde.
9-Cabral; Brandão, 2020	Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa	Pesquisa qualitativa	Discutir gravidez na adolescência em um contexto com profundas desigualdades sociais, raciais/étnicas e de gênero como o do Brasil demanda	Necessita da expansão de políticas públicas mais eficazes.

			acuidade, competência teórica e técnica, e principalmente respeito à vida de milhões de adolescentes.	
10-Franco et al., 2020	Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar	Estudo descritivo do tipo relato de experiência	relatar a experiência de estudantes do Curso de Enfermagem na implementação de intervenções educacionais para a promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar.	notou-se a carência no conhecimento dos adolescentes escolares acerca da temática da saúde sexual e reprodutiva
11-Novaes, 2020	Gravidez na adolescência e evasão escolar: estudo de caso	Pesquisa de campo e estudo de caso	Compreender o papel desses profissionais, em especial, no processo de ensino da educação sexual e no tratamento dispensado às alunas adolescentes que experimentaram o fenômeno.	No campo do atendimento das adolescentes grávidas, há necessidade premente de instituir uma política pública, a começar com a identificação e acompanhamento específico de cada adolescente grávida.
12-Batista et al., 2021	Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência no contexto escolar	Revisão descritiva	compartilhar conhecimentos sobre uma fase de grande complexidade do desenvolvimento humano, a adolescência.	enfermeiro do PSE deve destinar alta atenção à saúde sexual, levando-se em conta, orientações básicas sobre sexualidade humana, articulando também outros temas que se relacionam e fazem parte desta fase da adolescência.
13-Souza et al. 2021	Promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência: relato	Relato de experiência	Relatar a experiência de um projeto de um programa de educação tutorial de	O projeto utilizou diversas técnicas lúdicas e dinâmicas para instruir e levar as informações

	de experiência		enfermagem (PET-Enfermagem) com intuito de realizar promoção da saúde aos adolescentes e prevenção da gravidez na adolescência da região leste de Mato Grosso do Sul.	sobre puberdade, higiene corporal, prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), projeções de futuro, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, entre outros.
14-Barbosa et al., 2022.	Atuação do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva no contexto escolar	Revisão integrativa de literatura	Analizar a atuação do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva no contexto escolar	Escassez acentuada sobre o tema.
15-Anjos et al., 2022	Prevenção da gravidez na adolescência em ambiente escolar por intermédio de ações de enfermagem	Relato de experiência	Discorrer sobre a influência do Programa Saúde na Escola (PSE) por meio das ações de enfermagem para a prevenção de gestações na adolescência.	A prevenção feita por meio de palestras em grupos de adolescentes, conversas e consultas de enfermagem diretas com os jovens, modera o índice de gravidez na adolescência.
16-Frota et al., 2023	Enfermagem em Saúde Escolar Promovendo Educação Sexual em Adolescentes no Brasil	Revisão integrativa de literatura	Compreender a importância da enfermagem no desenvolvimento de educação sexual em adolescentes no Brasil,	Foram selecionados 13 artigos científicos, dentre os artigos, foram abordados os seguintes assuntos: Serviços de Enfermagem, Desenvolvimento do Adolescente, Educação Sexual, Promoção da
17-Abreu et al., 2023	Saúde Sexual e Reprodutiva como estratégia de promoção de saúde no ambiente escolar	Relato de experiência	verificar o conhecimento de estudantes do Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos (EJA) quanto à sexualidade e planejamento	Constatou-se a carência de educação sexual no ambiente escolar, devido ao desconhecimento das infecções sexuais, o uso errôneo de métodos contraceptivos na qual

			reprodutivo.	propicia o surgimento de inúmeras condições de saúde, como as IST's e a gravidez na adolescência.
18- Boçari; Souza; Apolinário, 2023	A participação da enfermagem no processo de educação sexual para prevenção da gravidez na adolescência: uma revisão de literatura	Revisão integrativa de literatura	investigar na literatura a importância do profissional enfermeiro e suas ações no processo de educação sexual como prevenção da gravidez precoce.	O profissional de enfermagem colabora para a adesão de estratégias funcionais de conscientização a fim de promover uma redução dos casos de gravidez na adolescência
19- Coelho; Junior; Tomaz, 2023	O papel das escolas na educação sexual e métodos de combater a gravidez na adolescência e a evasão escolar: estudo de caso nos municípios de pinheiral (rj) e volta redonda (rj)	Pesquisa descritiva e qualitativa e pesquisa de campo	Compreender a atribuição das escolas na educação sexual de seus alunos. O objetivo geral do presente estudo é identificar o impacto das ações educacionais preventivas na evasão escolar em razão da gravidez na adolescência.	Identificou-se que o papel das escolas é de suma importância para o ensino da educação sexual, visto que possui papel ativo no desenvolvimento de seus alunos.
20-Sousa et al., 2023.	Enfermagem em Saúde Escolar Promovendo Educação Sexual em Adolescentes no Brasil		Compreender a importância da enfermagem no desenvolvimento de educação sexual em adolescentes no Brasil.	Foram selecionados 13 artigos científicos, dentre os artigos, foram abordados os seguintes assuntos: Serviços de Enfermagem, Desenvolvimento do Adolescente, Educação Sexual, Promoção da Saúde, Saúde do Adolescente, Prevenção de IST's, Gravidez na Adolescência, Vulnerabilidade em Saúde, Violência

				Sexual,
--	--	--	--	---------

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

3.1 Adolescência: aspectos gerais

A adolescência pode ser conceituada como uma fase natural da vida da pessoa, e a maioria dos adolescentes ainda se encontram na escola, buscando a uma formação socioeducacional e que possibilite o acesso a uma profissão. Tem início dos 12 a 13 anos e termina por volta dos 20 anos, sendo uma transição da infância à fase adulta (Novaes, 2022).

De acordo com Batista et al. (2021) a Organização Mundial da Saúde classifica como adolescente o menino ou menina a partir dos 10 (dez) anos até o (a) jovem com 20 (vinte) anos, sendo necessárias medidas protetivas e preventivas contra a gravidez na adolescência.

De acordo com Batista (2017) o que fica mais evidenciado nessa fase são as mudanças físicas e psicológicas que acontecem de forma diferenciada para meninos e meninas, enquanto que neles existe o aumento dos órgãos genitais e surgimento de pelos pubianos, mudança de voz, nelas há o crescimento das mamas e a menarca: “na adolescência ocorre certa confusão quanto onde se colocar diante a sociedade, pois o adolescente deixa de ser criança, mas não é adulto ainda, encontrando-se então exposto a padrões que a própria sociedade impõe através da mídia, por exemplo” (Batista, 2017, p. 13).

Observa-se que o início das atividades sexuais tem ocorrido cada vez mais cedo, tipicamente entre os treze e quinze anos de idade. Tal fato enfatiza a relevância crítica da educação sexual direcionada aos adolescentes. É fundamental que o conhecimento seja transmitido aos jovens antes que iniciem seus relacionamentos sexuais, capacitando-os a se protegerem de forma correta. Essa proteção deve abranger tanto a prevenção de gestações precoces e não planejadas quanto a defesa contra as múltiplas infecções sexualmente transmissíveis às quais podem estar sujeitos (Brasil; Cardoso; Silva, 2019).

Somente no século XIX, os adolescentes passaram a ser caracterizados como em uma fase de transição, assumindo papéis sociais, e se dividindo entre a probabilidade de procriar, trabalhar e estudar, e a incapacidade de se inserir ou ser inserido (a) efetivamente na fase adulta, tanto quanto prosseguir na fase infantil (Batista, 2017).

Atualmente a adolescência é tutelada pelos adultos, tornando-os dependentes juridicamente, politicamente, emocionalmente e financeiramente do Estado, da família e da sociedade, e devem ser disciplinados até a vida adulta (Batista, 2017).

Com um maior acesso as informações de toda espécie, através de diversas redes sociais, os adolescentes passam a maioria do tempo conectados à internet. Nesse sentido, muitos estudiosos alertam sobre os riscos das informações e interações virtuais e de como os conteúdos na internet podem influenciar, incomodar, chatear e representar perigo, dentre eles o bullying nas redes sociais, a pornografia, e contatos com criminosos virtuais como pedófilos, por exemplo (Batista et al., 2021).

Os papéis de gênero, impostos socialmente também influenciam na diferenciação entre a educação para os (as) adolescentes, sendo que os meninos muitas vezes assumem “posturas de dominação, autoridade, controle, força e violência são naturalizados e vistos como constituintes desse contexto “particular.” (Carvalho; Melo, 2019, p. 2).

Muitos pais ainda educam os filhos de uma forma radical e de acordo com o senso comum, nos quais adolescentes dão apoio a estes retirando a “culpa” por reforçar estigmas sobre desigualdade de gênero devido à justificativa de que são de épocas diferentes e do interior (Carvalho; Melo, 2019).

No Brasil, a educação sexual e de saúde deve ser ofertada pelo Estado, pela família e pela sociedade, de forma adequada e consistente para adolescentes, como mecanismo prevenção à gravidez precoce e às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) (Novaes, 2022).

A família é a responsável pelas primeiras interações sobre a sexualidade, que deve ser considerada, não somente pela moralidade cristã-conservadora, que muitas vezes coloca esse aspecto da vida em uma dimensão de declínio moral, como algo impuro, principalmente a sexualidade feminina, através de uma ideologia que prega como as adolescentes devem se comportar socialmente, mas ser refletida do ponto de vista preventivo e protetivo (Carvalho; Melo, 2019).

Para as adolescentes, essa educação muitas vezes é mais repressora na qual deve se comportar de forma atenciosa e comprometida emocionalmente, contendo seus impulsos sexuais, investindo em um corpo mais atraente, mas sem expressar sexualidade e se colocar em uma posição romântica em seus relacionamentos (Coelho; Junior; Tomaz, 2023).

Outro fator que contribui para essa perspectiva de que os impulsos sexuais devem ser contidos está associado ao desenvolvimento da personalidade, influenciando diretamente na saúde mental e física desses jovens. Eles começam a se separar em grupos, ficando as meninas de um lado, e os meninos de outro, e desenvolvem aspectos da sexualidade que vão exercer durante a vida (Coelho; Junior; Tomaz, 2023).

3.2 A educação sexual no enfrentamento da gravidez na adolescência

De acordo com Abreu et al. (2023) a sexualidade é um componente essencial da existência humana, englobando necessidades básicas e envolvendo dimensões biológicas, psicossociais, culturais e históricas, estendendo-se para além da função reprodutiva para integrar laços afetivos e relações amorosas. Por ser um aspecto universal, sua prática é assegurada pelo Estado e deve ser exercida pelos indivíduos de maneira responsável, em contextos que sejam saudáveis e livres de perigos. Os direitos associados incluem o acesso ao sexo seguro, visando a prevenção tanto de gestações indesejadas quanto de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Adicionalmente, englobam o direito a serviços de saúde que assegurem sigilo, privacidade e um tratamento isento de qualquer forma de preconceito, bem como o direito à informação e à educação sexual e reprodutiva.

Assim, a saúde escolar configura-se como uma abordagem que exige a colaboração de diversas disciplinas, visando aprimorar, de maneira preventiva, as capacidades tanto do indivíduo quanto do grupo, com o intuito de estabelecer uma qualidade de vida educacional uniforme. Conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência abrange o período dos doze aos dezoito anos. Nesta fase, os jovens se engajam em novas vivências, que frequentemente acarretam riscos devido às vulnerabilidades existentes, como o envolvimento com substâncias ilícitas, o consumo de bebidas alcoólicas, a exposição à violência e o início antecipado da vida sexual, impulsionados pela busca do prazer momentâneo. Essa busca, muitas vezes, resulta no desconhecimento ou na ignorância sobre a probabilidade de uma gestação não planejada e da aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (Sousa et al., 2023).

O ensino da educação sexual nas escolas remonta a 1928, com uma perspectiva inicial higienista, de controle e repressão da sexualidade, fortemente alicerçada em valores morais e religiosos, que se mantiveram até meados da década de 1950. Posteriormente, a partir das décadas de 1960 e 1970, questões sociais como o avanço do movimento feminista, e na década de 1980, o aumento da incidência do vírus da imunodeficiência humana (HIV) na população jovem, moldaram significativamente os projetos de educação sexual. Essas influências levaram a uma reorientação, caracterizada pela prevalência de conteúdos focados em métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), adotando uma postura predominantemente preventiva (Vieira; Matsukura, 2017).

Durante a década de 1990, particularmente com a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a educação sexual começou a ser abordada sob uma perspectiva de cidadania. Essa abordagem visa fomentar a autonomia dos adolescentes e reconhecer seus direitos sexuais (Vieira; Matsukura, 2017).

Os dados oficiais no Brasil reforçam que a gravidez na adolescência se tornou uma realidade e um problema social e de saúde pública que demanda esforços do poder público, para erradicá-lo. Portanto: “os registros disponíveis no Brasil revelam expressiva preocupação com a frequência de ocorrências de gravidez na adolescência sendo apresentada a ocorrência elevada de casos, principalmente em municípios de interior do país” (Batista et al., 2021, p. 4821).

Nesse sentido, educação sexual deve ampliar o leque de informações e métodos contraceptivos para a prevenção da gravidez e DSTs. Evitando também, estigmas e preconceitos como hipersexualização das adolescentes, associada a uma moral “frouxa” propagada principalmente por educadores conservadores no âmbito escolar.

Em contrapartida, Cabral e Brandão (2020) apontam que constitui um equívoco quando se associam diretamente o início da vida sexual com a gravidez, desconsiderando outros fatores como os sociopolíticos, econômicos e culturais, sendo que este pensamento sobre a sexualidade das adolescentes ainda se reflete atualmente em nível de política pública.

O primeiro programa efetivamente implementado buscando a promoção da saúde e bem-estar de crianças e adolescentes foi o “Programa Saúde na Escola” instituído em 2007: “com objetivo de levar a equipe da atenção básica ao âmbito escolar promovendo o bem-estar aos estudantes discutindo inúmeros temas, para os estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações educativas em saúde de prevenção e promoção”. Nesse programa, estava prevista a atuação do enfermeiro no espaço escolar contribuindo na educação em saúde. (Brasil, 2007 apud. Batista et al., 2021, p. 4821).

O Ministério da Educação (MEC) recomenda a educação sexual através da Base Comum Nacional Curricular (BNCC), deve ser aplicada em escola pública, com atividades diversas, ofertando núcleos de estudos em forma de palestras e seminários. Nessas ações, a equipe de enfermagem pode realizar ações de forma ética, sem julgamentos (Batista et al., 2021).

A educação sexual no ambiente escolar é fundamental para promover o bem-estar integral dos (das) adolescentes, através do diálogo, da troca de experiências e informações e da redução de consequências prejudiciais às práticas sexuais dos jovens (Vieira; Matsukura, 2017).

Em 2022, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) organizou uma Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce, em que o foco prevê a “abstinência sexual” dos adolescentes, e, portanto, também contribui para o não enfrentamento efetivo da violência sexual, especialmente meninas, na infância e adolescência no âmbito das políticas públicas (Cabral; Brandão, 2020).

No que concerne ao papel das instituições de ensino na formação sexual dos jovens, estes consideram que a escola desempenha um papel de suma importância. Contudo, também ressaltam a corresponsabilidade dos pais e a relevância da participação familiar nesse processo. Por vezes, destacam a vulnerabilidade decorrente da dificuldade, ainda presente em alguns núcleos familiares, de se estabelecer um diálogo aberto sobre o assunto. Adicionalmente, os adolescentes ofereceram sugestões sobre como a educação sexual poderia ser implementada de maneira mais efetiva (Almeida et al., 2017).

De acordo com Brasil, Cardoso e Silva (2019) ainda se observa uma considerável dificuldade por parte de inúmeras famílias em tratar o assunto da sexualidade, frequentemente classificado como um tema proibido (tabu). Em decorrência disso, muitos adolescentes não encontram espaço para dialogar com seus genitores sobre essa área, o que obstaculiza tanto a obtenção de um saber apropriado quanto a solução de seus questionamentos. Embora se possa inferir que, na atual era da informação, parte dos jovens recorra à rede mundial de computadores para buscar esse conhecimento, a precisão das informações encontradas nem sempre é assegurada.

A adoção de métodos contraceptivos e preventivos pelos adolescentes não demonstra uma correlação imediata com o nível de conhecimento que possuem sobre eles. Parece haver uma ligação mais forte com outros elementos que modulam a conduta sexual. Tais elementos são os pensamentos e as atitudes decorrentes das percepções individuais, dos valores

internalizados, das crenças e dos sentimentos. É essa estrutura interna que acaba por determinar se o preservativo será empregado de maneira consistente e correta (Almeida et al., 2017).

Desse modo, compete aos profissionais de Enfermagem empregar a educação em saúde como um recurso estratégico para fomentar o desenvolvimento de novos padrões de comportamento e para o empoderamento de populações em situação de vulnerabilidade. O objetivo é que esses grupos se transformem em indivíduos mais conscientes e críticos em relação aos seus direitos legais, facilitando, assim, o pleno exercício da cidadania. Consequentemente, a educação em saúde transcende a simples transmissão de dados práticos. Ela é reconhecida como um instrumento fundamental na promoção da saúde, demandando a integração de suportes tanto educacionais quanto ambientais, visando estabelecer condições de vida que favoreçam o bem-estar geral (Baldoíno et al., 2018).

Portanto, é muito importante a implementação de ações educativas direcionadas à promoção da saúde dos jovens, com ênfase específica na esfera sexual e reprodutiva. Tais iniciativas devem empregar metodologias que estimulem e consolidem a adoção de comportamentos sexuais seguros, capacitando os adolescentes a assumirem o comando do seu autocuidado. O ambiente escolar deve, portanto, ser reconfigurado como um espaço promotor de bem-estar, fornecendo tanto o saber quanto condições de vida adequadas, o que, em última análise, busca diminuir as vulnerabilidades e os perigos inerentes à saúde juvenil (Franco et al., 2020).

Diante do exposto, ressalta-se a importância de oferecer direcionamentos sobre a saúde sexual e reprodutiva durante o período da adolescência. Nesse contexto, o enfermeiro possui um papel proeminente no estabelecimento de rotinas de cuidado que visam a integralidade da saúde, com foco particular nas intervenções educativas relacionadas à sexualidade. Tais ações devem priorizar a instauração de um diálogo franco, a partilha de vivências e a troca de informações, de modo a potencializar a autonomia na vivência sexual e mitigar os possíveis desfechos negativos resultantes de práticas sexuais não seguras (Morais et al., 2020).

4. Conclusão

A análise empreendida sobre os vinte estudos selecionados, voltados à educação sexual no contexto escolar e sua influência na mitigação da gravidez na adolescência, converge para um entendimento multifacetado da saúde juvenil. Esta investigação se desdobrou em duas esferas conceituais cruciais: a compreensão dos aspectos gerais da adolescência e a eficácia da educação sexual como ferramenta de enfrentamento dos riscos inerentes a essa fase, notadamente a gestação precoce.

Na primeira categoria de análise, que tratou dos aspectos gerais da adolescência, ficou evidente que esta não é apenas uma transição biológica, mas um complexo período de intensa redefinição identitária e social. Os dados corroboram que, embora a adolescência (definida legalmente entre doze e dezoito anos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente) seja um momento de descobertas e desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas, ela é intrinsecamente marcada por vulnerabilidades. O início cada vez mais precoce da vida sexual, frequentemente motivado pela busca do prazer momentâneo, expõe os jovens a riscos significativos, como o uso abusivo de álcool e drogas, a exposição à violência e, crucialmente, a incidência de gravidez indesejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A literatura analisada reforça a necessidade de uma abordagem que transcenda a mera informação biológica, exigindo que profissionais de saúde, como o enfermeiro, atuem como facilitadores de um cuidado integral, promovendo o diálogo, a troca de experiências e o estabelecimento de práticas de cuidado que visem a autonomia do adolescente. A qualidade de vida escolar, nesse sentido, não pode ser alcançada sem o reconhecimento e o endereçamento dessas realidades biopsicossociais.

Transitando para a segunda categoria de análise, a eficácia da educação sexual no combate à gravidez na adolescência emerge como o ponto nevrálgico da intervenção preventiva. Os estudos demonstraram que a estratégia mais promissora reside na implementação de intervenções educativas de caráter interdisciplinar dentro do ambiente escolar. Tais ações não podem ser reativas, mas sim proativas, devendo ser introduzidas antes que os jovens iniciem sua vida sexual ativa. O propósito central dessas ações é munir o adolescente com o conhecimento necessário para que ele se torne protagonista ativo no cuidado de sua própria saúde. Isso implica o incentivo sistemático à adoção de práticas sexuais saudáveis e seguras. A escola, ao assumir este papel de lócus promotor de saúde, oferece mais do que conhecimento teórico; ela fomenta um ambiente onde a reflexão crítica sobre as consequências das escolhas sexuais se torna parte do desenvolvimento cognitivo e social. A capacidade de diálogo e a troca de informações, elementos destacados nas primeiras categorias, são os pilares para que o jovem consiga exercer sua sexualidade com maior autonomia, reduzindo as consequências adversas das vivências inseguras.

Em síntese conclusiva, a convergência dos achados dos vinte estudos analisados estabelece um imperativo categórico para a política pública de saúde e educação: a integração efetiva da educação sexual de qualidade no currículo escolar é indispensável para a redução da vulnerabilidade juvenil. A adolescência, enquanto fase de construção de autonomia, exige um suporte estruturado que reconheça os riscos inerentes ao período, mas que, sobretudo, empodere o jovem para a prevenção. A educação sexual, quando bem planejada e implementada, transforma o risco em conhecimento aplicado, garantindo que a adoção de práticas sexuais saudáveis não seja uma exceção, mas sim um resultado esperado da formação integral oferecida no contexto escolar. Portanto, o investimento contínuo e aprimorado nessas estratégias educativas não apenas combate indicadores negativos como a gravidez precoce e a incidência de ISTs, mas também cumpre o papel mais amplo da escola: o de formar cidadãos conscientes, autônomos e capazes de zelar por sua qualidade de vida e bem-estar a longo prazo. Este corpo de evidências sugere que a inação ou a abordagem fragmentada frente à sexualidade adolescente representa uma falha sistêmica com custos sociais e de saúde pública elevados.

4. Conclusão

A análise empreendida sobre os vinte estudos selecionados, voltados à educação sexual no contexto escolar e sua influência na mitigação da gravidez na adolescência, converge para um entendimento multifacetado da saúde juvenil. Esta investigação se desdobrou em duas esferas conceituais cruciais: a compreensão dos aspectos gerais da adolescência e a eficácia da educação sexual como ferramenta de enfrentamento dos riscos inerentes a essa fase, notadamente a gestação precoce.

Na primeira categoria de análise, que tratou dos aspectos gerais da adolescência, ficou evidente que esta não é apenas uma transição biológica, mas um complexo período de intensa redefinição identitária e social. Os dados corroboram que, embora a adolescência (definida legalmente entre doze e dezoito anos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente) seja um momento de descobertas e desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas, ela é intrinsecamente marcada por vulnerabilidades. O início cada vez mais precoce da vida sexual, frequentemente motivado pela busca do prazer momentâneo, expõe os jovens a riscos significativos, como o uso abusivo de álcool e drogas, a exposição à violência e, crucialmente, a incidência de gravidez indesejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A literatura analisada reforça a necessidade de uma abordagem que transcendia a mera informação biológica, exigindo que profissionais de saúde, como o enfermeiro, atuem como facilitadores de um cuidado integral, promovendo o diálogo, a troca de experiências e o estabelecimento de práticas de cuidado que visem a autonomia do adolescente. A qualidade de vida escolar, nesse sentido, não pode ser alcançada sem o reconhecimento e o endereçamento dessas realidades biopsicossociais.

Transitando para a segunda categoria de análise, a eficácia da educação sexual no combate à gravidez na adolescência emerge como o ponto nevrálgico da intervenção preventiva. Os estudos demonstraram que a estratégia mais promissora reside na implementação de intervenções educativas de caráter interdisciplinar dentro do ambiente escolar. Tais ações não podem ser reativas, mas sim proativas, devendo ser introduzidas antes que os jovens iniciem sua vida sexual ativa. O propósito central dessas ações é munir o adolescente com o conhecimento necessário para que ele se torne protagonista ativo no cuidado de sua própria saúde. Isso implica o incentivo sistemático à adoção de práticas sexuais saudáveis e seguras. A escola, ao assumir este papel de lócus promotor de saúde, oferece mais do que conhecimento teórico; ela fomenta um ambiente onde a reflexão crítica sobre as consequências das escolhas sexuais se torna parte do desenvolvimento cognitivo e social. A capacidade de diálogo e a troca de informações, elementos destacados nas primeiras categorias, são os pilares para que o jovem consiga exercer sua sexualidade com maior autonomia, reduzindo as consequências adversas das vivências inseguras.

Em síntese conclusiva, a convergência dos achados dos vinte estudos analisados estabelece um imperativo categórico para a política pública de saúde e educação: a integração efetiva da educação sexual de qualidade no currículo escolar é indispensável para a redução da vulnerabilidade juvenil. A adolescência, enquanto fase de construção de autonomia, exige um suporte estruturado que reconheça os riscos inerentes ao período, mas que, sobretudo, empodere o jovem para a prevenção. A educação sexual, quando bem planejada e implementada, transforma o risco em conhecimento aplicado, garantindo que a adoção de práticas sexuais saudáveis não seja uma exceção, mas sim um resultado esperado da formação integral oferecida no contexto escolar. Portanto, o investimento contínuo e aprimorado nessas estratégias educativas não apenas combate indicadores negativos como a gravidez precoce e a incidência de ISTs, mas também cumpre o papel mais amplo da escola: o de formar cidadãos conscientes, autônomos e capazes de zelar por sua qualidade de vida e bem-estar a longo prazo. Este corpo de evidências sugere que a inação ou a abordagem fragmentada frente à sexualidade adolescente representa uma falha sistêmica com custos sociais e de saúde pública elevados.

Referências

- Abreu, A. M., et al. (2023). *Saúde sexual e reprodutiva como estratégia de promoção da saúde no ambiente escolar*. Revista em Redes, 9(2).
- Almeida, R. A. A. S., et al. (2017). *Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez*. Revista Brasileira de Enfermagem, 70, 1033–1039.
- Altmann, H. (2006). *Sobre a educação sexual como um problema escolar sobre a sexualidade do adolescente como problema escolar*. Revista Linhas, 1.
- Anjos, J. S. M., et al. (2022). *Prevenção da gravidez na adolescência em ambiente escolar por intermédio de ações de enfermagem*. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 15(12), e11386.
- Baldoino, L. S., et al. (2018). *Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: Um relato de experiência*. Revista de Enfermagem UFPE Online, 1161–1167.
- Barbosa, A. G. F., et al. (2022). *Atuação do enfermeiro na promoção de saúde sexual e reprodutiva no contexto escolar*. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, 4(4).
- Batista, D. V. (2017). *Analise do conhecimento sobre sexualidade de alunos do 7º ano: Um estudo de caso em uma escola pública estadual no município de São Gabriel-RS* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Pampa.
- Batista, M. H. J., et al. (2021). *Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência no contexto escolar*. Brazilian Journal of Development, 7(1), 4819–4832.
- Borçari, K. B. M., Souza, S. P., & Apolinário, F. V. (2023). *Participação da enfermagem no processo de educação sexual para prevenção da gravidez na adolescência: Uma revisão de literatura*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 9(9), 2970–2980.
- Brasil, M. E., Cardoso, F. B., & Silva, L. M. (2019). *Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos*. Revista de Enfermagem UFPE Online, 1–8.
- Cabral, C. S., & Brandão, E. R. (2020). *Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: Perspectivas em disputa*. Cadernos de Saúde Pública, 36(8).
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. (2019). *A família e os papéis de gênero na adolescência*. Psicologia & Sociedade, 31.
- Coelho, I. P. M., Junior, J. R. M., & Tomaz, E. S. M. (2023). *O papel das escolas na educação sexual e métodos de combater a gravidez na adolescência e a evasão escolar: Estudo de caso nos municípios de Pinheiral (RJ) e Volta Redonda (RJ)*. RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar, 4(8), e483832.

- Franco, M. S., et al. (2020). *Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar*. Revista de Enfermagem UFPE Online, 1–8.
- Frota, C. A., et al. (2023). *Enfermagem em saúde escolar promovendo educação sexual em adolescentes no Brasil*. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 6(13), 2182–2192.
- Leite, A. C., et al. (2020). *Atribuições do enfermeiro na educação sexual de mulheres adolescentes e a importância do planejamento familiar*. Brazilian Journal of Development, 6(10), 79494–79515.
- Miranda, J. C., & Campos, I. C. (2022). *Educação sexual nas escolas: Uma necessidade urgente*. Boletim de Conjuntura, 12(34), 108–126.
- Morais, J. C., et al. (2020). *Educação em saúde sexual e reprodutiva na adolescência*. Revista de Enfermagem UFPI, e8259.
- Moreira, B. L. R., & Folmer, V. (2011). *Educação sexual na escola: Construção e aplicação de material de apoio*. Experiências em Ensino de Ciências, 6(2), 153–163.
- Novaes, M. L. (2020). *Gravidez na adolescência e evasão escolar: Um estudo de caso*.
- Sousa, G. M., et al. (2023). *Enfermagem em saúde escolar promovendo educação sexual em adolescentes no Brasil*. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 6(13), 2182–2192.
- Souza, V. B. S., et al. (2021). *Promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência: Relato de experiência*. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 13(8), e7510.
- Spaniol, C., Spaniol, M. M., & Arruda, S. N. (2019). *Gravidez na adolescência e educação sexual: Percepções de alunas do ensino médio de um município da Serra Catarinense*. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, 19(2), 61–83.
- Vieira, P. M., & Matsukura, T. S. (2017). *Modelos de educação sexual na escola: Concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública*. Revista Brasileira de Educação, 22(69).